




ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA NA ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO NO BRASIL: CONSIDERAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS À ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

FRENCH DISCOURSE ANALYSIS IN THE ORGANIZATION OF INFORMATION AND KNOWLEDGE IN BRAZIL: EPISTEMOLOGICAL CONSIDERATIONS TO DOCUMENTARY ANALYSIS

¹ Marcos Vinicius Santos Carvalho Terra 

Universidade Estadual Paulista
Marília, SP - Brasil

² Carlos Cândido de Almeida 

Universidade Estadual Paulista
Marília, SP - Brasil

³ Deise Maria Antonia Sabbag 

Universidade Estadual Paulista
Marília, SP - Brasil

Correspondência

¹ E-mail: marcos_vsct@hotmail.com

Submetido em: 26/06/2018

Aceito em: 12/11/2018

Publicado em: 10/12/2018

Checagem antiplágio



JITA: AC. Relationship of LIS with other fields .

e-Location ID: 019011

RESUMO

O artigo explora a relação dialógica que pode ser estabelecida entre a teoria francesa de análise do discurso na Organização da Informação e Conhecimento no âmbito brasileiro. Em sentido amplo o percurso reflexivo compreende uma possível gnosiologia presente na Ciência da Informação e os estudos discursivos. O foco deste estudo analítico está nas questões interdisciplinares, bem como nas relações epistemológicas, que esse diálogo apresenta para Análise Documentária. O objetivo é o estabelecimento das relações interdisciplinares das duas áreas de estudo no contexto brasileiro, tendo como caminho metodológico para o entendimento desta perspectiva diacrônica a epistemologia crítica. Três linhas de análise do discurso foram eleitas para efeitos da relação dialógica: a linha de Michel Pêcheux, a linha da Sociolinguística e a linha de Michel Foucault. A primeira e a terceira estão presentes em trabalhos realizados no âmbito da Ciência da Informação, notadamente nas convergências com a Análise Documentária, tendo como confluência a informação como discurso, o sujeito, a linguagem e a pragmática. Os caminhos possíveis apontam para um cenário afetado por disputas de poder. Assim, tal cenário produz efeitos de sentido e precisa ser analisado por um gesto de leitura, levando em consideração as questões históricas de tempo e espaço, pois dependendo do momento cultural e temporal, a informação e o discurso podem produzir diferentes efeitos de sentido.

PALAVRAS-CHAVE

Interdisciplinaridade. Ciência da Informação. Organização do Conhecimento. Epistemologia.

ABSTRACT

It investigates how the Information Science in Brazil establishes its interdisciplinary dynamics with the French Discourse Analysis, which has unfolded in different theoretical and methodological orders. In addition, it analyzes, from a diachronic perspective, the epistemological interactions between the French aspect of Discourse Analysis and Information Science, especially with regard to the Organization of Information and Knowledge. Through a literature review, it shows the main historical contributions of discourse theory to the informational field in the Brazilian context. Among the theoretical contributions of Discourse Analysis is the The article explores the dialogical relationship that can be established between the French theory of discourse analysis in the Information and Knowledge Organization in the Brazilian context. In the broad sense, the reflective path comprises a possible gnosiology present in the Science of Information and the discursive studies. The focus of this analytical study is on the interdisciplinary issues, as well as on the epistemological relationships, that this dialogue presents for Documentary Analysis. The objective is to establish the interdisciplinary relations of the two areas of study in the Brazilian context, having as a methodological path for the understanding of this diachronic perspective the critical epistemology. Three lines of discourse analysis were chosen for the purpose of the dialogical relationship: the line of Michel Pêcheux, the line of Sociolinguistics and the line of Michel Foucault. The first and third are present in works carried out in the field of Information Science, especially in the convergences with Documentary Analysis, having as confluence information as discourse, subject, language and pragmatics. Possible paths point to a scenario affected by power disputes. Thus, this scenario produces meaning effects and needs to be analyzed by a reading gesture, taking into account the historical issues of time and space, because depending on the cultural and temporal moment, information and discourse can produce different effects of meaning.

KEYWORDS

Interdisciplinarity. Information Science. Organization of Knowledge. Epistemology.

1 INTRODUÇÃO

O fio condutor da reflexão proposta neste artigo repousa nas interações epistemológicas entre a Análise do Discurso Francesa e a Ciência da Informação no Brasil, sobretudo no que se refere à Organização da Informação e do Conhecimento. As diferentes perspectivas dos estudos discursivos, presentes nas pesquisas sobre informação e conhecimento, podem revelar que as filiações teóricas interferem, produzindo diferentes sentidos sobre o posicionamento político dos agentes, bem como das instituições de pesquisas. Seria temerário definir com precisão os limites de um bloco de teorias designado Análise do Discurso Francesa, mas o ideário comum consiste no questionamento dos pressupostos da linguística saussureana.

Para este trabalho reflexivo, foram considerados os estudos que exploram as relações teóricas entre Análise do Discurso Francesa e a Organização da Informação e do Conhecimento. Por **Organização da Informação e do Conhecimento** entende-se genericamente um campo de pesquisa, e um núcleo de atividades, em que se concentram às ações de mediação entre documentos e usuários da informação mediante os processos de análise e representação. Entre as linhas de pesquisa da Organização da Informação pode-se citar a **Análise Documentária**, de origem francesa, a qual contribui para os processos de mediação dos discursos para fins de recuperação da informação. Esse processo, segundo se avalia, consiste no principal ponto de interesse quando o assunto é a interdisciplinaridade entre Ciência da Informação e Análise do Discurso, tendo como objeto comum o próprio discurso científico.

Para tanto, um recorte disciplinar deve ser analisado sob a ótica de um campo de produção social. Bourdieu (2004) assinala que o campo científico é o universo, no qual estão inseridos agentes e instituições que produzem, reproduzem e difundem a ciência. Trata-se de um campo de forças, de um campo de lutas, de um mundo social que comporta relações de dominação. Os pontos de vista, as intervenções científicas, os lugares de publicação, os temas escolhidos e os objetos de pesquisas são comandados pela estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes. A posição que se ocupa nessa estrutura determina o que pode e o que não pode ser feito.

Destarte, a presença da Análise do Discurso Francesa na Organização da Informação e do Conhecimento no Brasil possibilita reflexões sobre as diferentes formas de envolvimento epistemológico entre os dois campos do saber ao longo dos últimos anos. Tais reflexões ajudam a pensar a teoria, a fim de encontrar caminhos para o amadurecimento das interações científicas.

Tendo em vista a perspectiva de campo científico, entra-se na esfera de uma epistemologia crítico-social. Entrar na epistemologia, na visão de Japiassu (1977), é se engajar

num espaço polêmico e de conflitos. Embora pareça um termo antigo, surgiu a partir do século XIX no vocabulário filosófico. Seu significado etimológico é discurso (logos) sobre a ciência (*episteme*). Trata-se de uma disciplina cuja construção é lenta e recente. Entende-se epistemologia, no sentido amplo do termo, como o estudo metódico e também reflexivo do saber, no qual sua organização, sua formação, seu desenvolvimento, seu funcionamento e seus produtos intelectuais são considerados.

É importante considerar que o conhecimento científico está inserido em determinados contextos socioculturais. É, por conseguinte, tributário de fatores ligados à religião, à política, à ideologia, à filosofia e à economia. A ciência tem seus objetivos, seus agentes e seu modo de funcionamento condicionados a uma sociedade determinada. Portanto, o conhecimento científico é também uma forma de poder (JAPIASSU, 1977).

Neste sentido, não se pode esquecer de que os conflitos intelectuais, conforme aponta Bourdieu (2004), são também conflitos de poder. Semelhantemente ao mundo econômico, o mundo científico conhece relações de força, fenômenos de concentração de capital e de poder, até mesmo de monopólio, além de relações sociais de dominação, as quais implicam uma apropriação dos meios de produção e de reprodução, ademais conhece lutas que refletem o controle dos meios de produção e reprodução específicos. Ao examinar epistemologicamente o entrosamento de duas disciplinas, não se pode perder de vista as categorias sociológicas, do funcionamento do campo e epistemológicas, da história das próprias disciplinas.

Diante disso, torna-se oportuno conhecer as vertentes francesas de Análise do Discurso que afloraram nos anos 1960 e que trouxeram contribuições para a Ciência da Informação no Brasil, no geral, através de um núcleo disciplinar específico, isto é, a Análise Documentária trazida para o país pelos integrantes do Grupo TEMMA da Universidade de São Paulo, porquanto colaboraram na interpretação dos processos ideológicos, linguísticos e políticos que se manifestam nos modos de ordenar e representar a informação e o conhecimento. Salienta-se que não faz parte do objetivo deste trabalho se aprofundar na exegese dos fundamentos da Análise do Discurso, bem como no marco conceitual da Análise Documentária, contudo pretende-se refletir sobre as relações interdisciplinares entre as duas áreas considerando o contexto brasileiro. Também não seria possível abordar outras linhas da Organização da Informação e do Conhecimento, em especial, as abordagens vinculadas à International Society for Knowledge Organization, fundada em 1989.

Destarte, considera-se que o estudo interdisciplinar e dos pontos de interdisciplinaridade auxilia no entendimento de fenômenos complexos que apenas uma disciplina não seria capaz de esclarecer. Nessa perspectiva, a contínua cooperação entre teorias e opções metodológicas se torna imprescindível, porquanto, existem lapsos no percurso histórico das disciplinas, em especial, da trajetória da Análise Documentária em contato com as teorias do discurso, que precisam ser investigados sob este viés.

Para dar prosseguimento à exposição, deve-se tratar, em primeiro lugar, das correntes

francesas da Análise do Discurso. Em segundo lugar, abordar-se-á a concepção geral da Organização da Informação e do Conhecimento, com especial atenção à Análise Documentária, a qual considera-se mais propícia a receber contribuições da Análise do Discurso. Terceiro, serão relacionados os aspectos interdisciplinares entre Análise do Discurso de matriz francesa e Análise Documentária, como uma das principais correntes da Organização da Informação e do Conhecimento. Por fim, destacam-se algumas conclusões sobre a imbricação entre as áreas.

2 CORRENTES FRANCESAS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Na França, em meio aos acalorados embates políticos, efeito dos anos 1960, vários movimentos e grupos foram organizados historicamente com tendências diferentes. As posições políticas, e também as polêmicas ligadas ao papel da Linguística nessas relações, aumentaram as tensões, visto que a partir da posição althusseriana, a linguagem não se apresenta mais como mero acessório do político e da ciência (ORLANDI, 2003). Esta seção tem por objetivo relacionar as linhas principais da Análise do Discurso de origem francesa.

Os estudos sobre discurso têm se desdobrado em diferentes ordens teóricas e metodológicas. É importante considerar também que há, no campo científico, relações de força e poder, as quais atravessam as classificações, as diferenças e as considerações desses desdobramentos. A ciência é construída em diferentes lugares com uma força e as particularidades de cada tradição (ORLANDI, 2003).

Acredita-se que Harris, linguista estadunidense, na década de 50, foi o primeiro a utilizar o termo “análise do discurso”. Assim, é importante pontuar que as linhas francesas da teoria do discurso, com tendência materialista, seriam o contraponto dos estudos anglo-saxônicos sobre discurso que se interessam por proposições. Acentua-se que a vertente anglo-saxônica foi influenciada por correntes interacionistas. Ademais, tem fundamentação linguística-pragmática (MAINGUENEAU, 1997; ORLANDI, 2003).

Segundo Maingueneau (1997, p.15),

Para avaliar a especificidade da "escola francesa da análise do discurso", basta confrontá-la ao que, genericamente, é entendido, nos Estados Unidos, como "análise do discurso": uma disciplina dominada pelas correntes interacionistas e etnometodológicas que toma como objeto essencial de estudo a conversação ordinária.

Portanto, trata-se de um campo heterogêneo. Existem muitas vertentes de Análise do Discurso, entre elas, a análise de discurso de base enunciativa, cujo principal teórico é o francês Dominique Maingueneau, e a análise dialógica do discurso, vinculada ao Círculo de Bakhtin. É importante também mencionar a linha de Charaudeau, denominada por alguns como análise

semiolinguística do discurso. Além dessas vertentes, há também a análise crítica do discurso, a análise sociopragmática do discurso e a análise sociointeracional do discurso (MACHADO TEIXEIRA, 2014).

Acentua-se que se trata de uma área muito abrangente de estudo, por isso, neste trabalho, optou-se por três linhas francesas emergentes na década de sessenta (a mesma época em que os estudos sobre Análise Documentária ganharam força no cenário francês), a saber: a linha de Michel Pêcheux; a linha representada por Jean Dubois, Jean Baptiste Marcellesi, Bernard Gardin e Louis Guespin, dentre outros; e a linha de Michel Foucault. Apenas a crítica epistemológica possibilitará revelar os meandros da Análise do Discurso quando esta se movimenta em direção a um dado campo do saber. Cada linha apresenta sua especificidade, com pontos de aproximação e com pontos de afastamento (GADET, 2015; NARZETTI, 2010). Esses autores estão vinculados ao surgimento da Análise do Discurso no contexto francês e são os principais representantes de cada vertente.

A primeira vertente ligada a Michel Pêcheux está alicerçada em três domínios disciplinares, a saber, a Linguística, de Saussure; o Materialismo Histórico, de Marx; e a Psicanálise, de Freud. Pêcheux, em sua teoria, faz várias referências a Lacan e a Althusser, sobretudo, no que tange ao inconsciente e à ideologia na constituição do sujeito (ORLANDI, 2003, 2007).

Salienta-se que, nessa perspectiva, a língua é fato social, e não é uma estrutura fechada em si mesma. É lugar de tensões. Ela está sujeita a equívocos, isto é, falhas, lapsos, deslizamentos, mal-entendidos e ambiguidades. O discurso é entendido, na visão de Pêcheux, como efeito de sentido entre locutores (ORLANDI, 2007).

O sistema de língua é o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e também para o reacionário, para aquele que possui determinado conhecimento e para aquele que não possui tal conhecimento. No entanto, é importante sublinhar que embora o sistema de língua seja o mesmo para esses personagens, os discursos são diferentes. A língua se apresenta como a base comum de processos discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que os processos ideológicos simulam os processos científicos (PÊCHEUX, 1995).

A concepção de ideologia, desenvolvida por Althusser, influencia a teoria de Pêcheux. Para o teórico, a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos. Na perspectiva althusseriana, “só existe ideologia pelo sujeito e para sujeitos. Entenda-se: só existe ideologia para sujeitos concretos, e esta destinação da ideologia só é possível pelo sujeito: estenda-se, pela categoria de sujeito e pelo seu funcionamento” (ALTHUSSER, 1980, p.93). Ao retomar o filósofo marxista, Pêcheux argumenta que tomar as ideologias como ideias e não como forças materiais e considerar que elas têm sua origem nos sujeitos, quando na verdade elas constituem os indivíduos em sujeitos é um erro de dupla face (PÊCHEUX, 1995).

Althusser, em seu livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, discorre sobre os fundamentos reais de uma teoria não-subjetivista do sujeito, como teoria das condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção: a relação entre inconsciente e ideologia (PÊCHEUX, 1995).

Sob o ponto de vista da teoria de Pêcheux (1995, p.159 -160),

é a ideologia que, através do “hábito” e do “uso”, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada do jogo”. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais todo mundo sabe o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado queiram dizer o que realmente dizem e que mascaram, assim, sob a transparência da linguagem, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

Não existe neutralidade discursiva, mesmo diante do “uso mais aparentemente cotidiano dos signos” (ORLANDI, 2007, p. 9). Na Análise do Discurso, aspectos linguísticos, ideológicos e históricos se enlaçam. De acordo com Orlandi (1994, p. 54), “é no discurso que se pode apreender a relação entre linguagem e ideologia, tendo a noção de sujeito como mediadora: não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. O efeito ideológico elementar é o que institui o sujeito (sempre já-lá)”.

Todo processo discursivo, segundo Pêcheux (1995, p. 92), se inscreve numa relação ideológica da disputa entre classes. Por conseguinte, “a relação com a linguagem não é jamais inocente, não é uma relação com as evidências e poderá se situar face à articulação do simbólico com o político” (ORLANDI, 2007 p.95). A luta de classes é um dos fios que conduzirá a Análise do Discurso vinculada a Pêcheux. O filósofo francês nunca separou teoria de política. A teoria, para ele, deve intervir na luta política, pensar o funcionamento e o papel das ideologias e da resistência (GREGOLIN, 2004).

A segunda vertente, designada de sociolinguística de Análise do Discurso, por seu turno, tem a Linguística como seu solo epistemológico, no entanto uma Linguística ampliada, renovada, a qual não deixa de fora de suas análises os aspectos sociais, os quais não foram problematizados pela Linguística estruturalista. Na perspectiva de Marcellesi e sua equipe, a Análise de Discurso faz parte do domínio particular da Sociolinguística (NARZETTI, 2010; ORLANDI, 2003). É importante sublinhar que as análises sociolinguísticas do discurso são marcadas por exames contrastivos e comparativos que valorizam o discurso político (MARCELLESI, 1971).

A Sociolinguística é caracterizada por um diálogo interdisciplinar entre Linguística e outras ciências sociais, especialmente, o marxismo (NARZETTI, 2010). A vertente sociolinguística francesa contribui com o reaparecimento de discussões sobre as relações entre a língua e o social. Para entendimento dessa linha teórica, torna-se relevante, portanto, considerar os debates em torno do marxismo e da política (GADET, 2015).

Sob a perspectiva da vertente sociolinguística, as palavras *enunciado* e *discurso*, segundo Guespin (1971, p.10), tendem a se organizar em oposição. Para o teórico, o enunciado é a sucessão de sentenças emitidas entre dois brancos semânticos, duas pausas de comunicação. O discurso, por sua vez, é o enunciado considerado da perspectiva do mecanismo discursivo que o condiciona. Desse modo, um olhar sobre um texto do ponto de sua estruturação *em língua* faz dele um enunciado; um estudo linguístico das condições de produção deste texto fará dele um discurso.

Por seu turno, a terceira vertente, a foucaultiana, não está situada na Linguística. Embora trate do discurso, não realiza uma análise do sentido. A análise arqueológica busca o fato do aparecimento histórico de um discurso. Vale ressaltar que o estudo do saber, em Foucault, não está limitado à Análise do Discurso ou dos regimes de enunciabilidade (NARZETTI, 2010). Para ele, “o discurso é algo inteiramente diferente do lugar em que vêm se depositar e se superpor, como em uma simples superfície de inscrição, objetos que teriam sido instaurados anteriormente” (FOUCAULT, 2008, p.48).

Sob a ótica de Foucault (2008, p.31),

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?

Os discursos, para Foucault (2008, p.55), são formados por signos; todavia o que fazem é mais que usar esses signos para indicar coisas. Aqui não há uma leitura semiótica definida sobre o conceito de signo, o que mais se aproxima é a definição saussuriana. É esse *mais*, por conseguinte, que os coloca como irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse *mais*, além disso, que deve aparecer e que é necessário descrever.

Na perspectiva foucaultiana, fazer aparecer o espaço em que se desenrolam os acontecimentos discursivos não é tentar restituí-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é encerrá-lo em si mesmo; é tornar-se livre, a fim de descrever, nele e fora dele, jogos de relações (FOUCAULT, 2008, p.32). Segundo o teórico (2008, p.55), “não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem sua primeira claridade”. Portanto, o discurso, sustenta Foucault (2008, 61),

[...] não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos.

Foucault busca a compreensão da arqueogenealogia e da forma como se constroem as relações históricas entre os saberes e os poderes, a partir de temas diversificados (a loucura, o sistema prisional, a sexualidade). Ele trabalha em um campo vasto; insere o discurso no interior de uma ordem, porém evita o termo ideologia (SARGENTINI, 2006).

Para Foucault (2008, p.43),

no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como "ciência", ou "ideologia", ou "teoria", ou "domínio de objetividade".

Ainda que em Foucault não exista a noção althusseriana de aparelhos ideológicos, o teórico não nega a existência de um poder de Estado. Ele trata das relações entre o discurso e seus poderes. Na verdade, ele mostra que existem, além do poder do Estado, outros poderes, os quais possuem natureza e mecanismos variados (GREGOLIN, 2006).

Para o teórico, sujeito e sociedade são atravessados por práticas discursivas que se transformam na continuidade um do outro, ou seja, o “de-dentro” enquanto constituinte do sujeito é a dobra do “de-fora”. Existe um movimento entre “de-dentro” e “de-fora” diferentes apenas por espaços temporais e geográficos. O homem é o sujeito do enunciado, o “de-dentro” que produz modos de subjetivação que atravessam e atualizam os saberes e as relações de poder. Na genealogia, Foucault encontra a perspectiva que possibilita a compreensão desses enunciados.

Na visão do teórico, a análise das relações de poder não deve estar restrita ao estudo de um conjunto de instituições, mesmo aquelas que se enquadram como políticas. As relações de poder estão inscritas no conjunto da rede social. É importante apontar que, conforme a linha foucaultiana, é impossível existir relação de poder sem pontos de insubmissão, pois os sujeitos lutam. Destarte, nenhum poder é pleno (GREGOLIN, 2006).

Nas três linhas mencionadas anteriormente, discurso não se confunde com língua e fala. Diante da pluralidade de estudos, é importante marcar as semelhanças e dessemelhanças de cada linha (NARZETTI, 2010). As diferenças teóricas entre Pêcheux e Foucault envolvem a maneira de se situarem diante das propostas de Althusser. Em Foucault, faltam as categorias clássicas do marxismo, sobretudo, ideologia e luta de classes; há, por conseguinte, entre eles, diferenças na leitura de Marx (GREGOLIN, 2006).

Pêcheux e a linha sociolinguística se aproximam pelo referencial marxista. As duas linhas abordam questões referentes à luta de classes e à ideologia (NARZETTI, 2010). Já Foucault não se preocupa demasiadamente em marcar posição como um marxista. Vale ressaltar que Foucault e Pêcheux não são adversários no que concerne a uma teoria do discurso,

porquanto suas propostas teóricas não se encontram em oposição, mas em complementaridade (GREGOLIN, 2006).

O sentido das palavras, na perspectiva de Pêcheux, muda conforme a posição na luta de classes daqueles que as utilizam. Já para Foucault, o sentido do enunciado muda conforme as relações com outros enunciados são estabelecidas. O autor de *A arqueologia do saber* não trabalha com a relação entre linguagem, ideologia e inconsciente, na figura do simbólico. Ele não se preocupa com teorização de mecanismos da linguagem. Pêcheux, por seu turno, esteve mais ligado às problemáticas da Linguística (GREGOLIN, 2006).

Desse modo, a diferença entre o conceito de discurso da linha foucaultiana em relação a outras duas linhas está no fato de que o discurso não está relacionado com as formações ideológicas. Foucault, portanto, recusa o conceito de ideologia como algo pertinente para análise dos saberes.

Embora a linha de Pêcheux e a linha sociolinguística se aproximem pela presença da luta de classes em suas teorias, sustentam visões diferentes no que tange à Linguística. Para Marcellesi e seu grupo, a Análise do Discurso está inserida na Linguística; para Pêcheux, está articulada entre a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise.

A seguir, passa-se a considerar o campo da Organização da Informação e do Conhecimento, em especial, a Análise Documentária para, em um segundo momento, pensar nas articulações epistemológicas com as linhas da análise do discurso.

3 ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO

A fim de se refletir sobre as interações entre Análise do Discurso e a Organização da Informação e do Conhecimento é importante pontuar que os estudos sobre informação emergem com uma proposta interdisciplinar. A Ciência da Informação, a qual, na perspectiva histórica estadunidense, de acordo com Borko (1968), é uma ciência interdisciplinar que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem os fluxos informacionais e os meios de processamento de informações para sua usabilidade e recuperação. Ela, ademais, tem como meta oferecer um *corpus* teórico, o qual está ligado à origem, à coleta, à organização, ao armazenamento, à recuperação, à interpretação, à transmissão e à utilização da informação. Sabe-se, contudo, que as perspectivas da Ciência da Informação são muitas, entre elas a perspectiva russa, a perspectiva alemã e a perspectiva francesa. Esta última perspectiva teve especial contribuição no Brasil e Espanha. Nesta seção, tratar-se-á de definir brevemente a Ciência da Informação, para contextualizar a Organização da Informação e do Conhecimento enquanto marco acolhedor das teorias da linguagem e do discurso, em especial, a linha teórica francesa conhecida como Análise Documentária.

Para Saracevic (1996), a Ciência da Informação é interdisciplinar, além de ser determinada pelo imperativo tecnológico e também participante ativa da evolução da Sociedade da Informação. Para o autor, compreender os fenômenos ligados à informação é uma tarefa hermética. Assim, uma única disciplina não é suficiente para investigar o comportamento informativo humano e as formas para facilitar o acesso ao conhecimento a partir de ferramentas tecnológicas.

A Ciência da Informação, na perspectiva de Mostafa (1996), é uma nova configuração temática cujo nascimento se encontra no entremeio contraditório das disciplinas sociais e tecnológicas e no espaço deixado por recortes, os quais foram instituídos pela Biblioteconomia e outras ciências sociais. Para autora, além disso, nasce ao lado de outras configurações como a do processamento automático de dados, a análise de sistemas, a cibernética, a inteligência artificial, a pesquisa operacional, a psicologia cognitivista, e todas as ciências novas que surgem a partir de 1950.

Para González de Gómez (2000, p.2), a Ciência da Informação “surge no horizonte de transformações das sociedades contemporâneas que passaram a considerar o conhecimento, a comunicação, os sistemas de significado e os usos da linguagem como objetos de pesquisa científica e domínios de intervenção tecnológica”.

Galvão e Borges (2000) assinalam que a Ciência da Informação é caracterizada pelo estudo da informação, pelo seu relacionamento com várias ciências, por estar inserida no contexto da sociedade e da ciência pós-moderna. Assim, não se trata de uma ciência clássica, nem de uma ciência básica. É relevante pontuar que, conforme Santos (2008), a ciência pós-moderna não segue uma linha unidimensional. Seu estilo, por conseguinte, não é facilmente identificável, pois adota uma configuração de estilos, a partir do critério e da imaginação do pesquisador.

Diante do exposto, ver-se-á que a Ciência da Informação é conhecida por ser uma ciência interdisciplinar, isto é, por estar aberta à cooperação científica e ao diálogo com outras áreas do saber. Ademais, por ser uma ciência cuja informação é o seu objeto; por ser capaz de dialogar com outras disciplinas sociais; e por estar inserida no contexto de novas tecnologias de informação e comunicação.

Embora a Ciência da Informação, na teoria, seja considerada interdisciplinar, na prática, talvez, isso não ocorra de maneira efetiva e clara. Há muita resistência na construção de diálogos verdadeiramente interdisciplinares, sobretudo, no que concerne ao confronto entre a visão mais objetiva da informação, de um lado; e uma visão mais subjetiva, do outro. É necessário sublinhar que embora existam teóricos, dentro da Ciência da Informação, com uma visão mais positivista e objetiva da informação, não se pode negligenciar o seu lado subjetivo e social, porquanto estas perspectivas não se excluem.

A Organização da Informação e do Conhecimento é um dos núcleos básicos da Ciência da Informação. Trata-se de uma área de pesquisa, de ensino e de atuação profissional. É um processo intermediário, ou seja, está entre a etapa de produção e a etapa de utilização da informação. Assim, o sucesso da recuperação depende da organização feita antecipadamente. A Organização do Conhecimento corresponde ao processo de construção de modelos de representações de conhecimento, com a finalidade de elaborar modelos de mundo via representação do conhecimento de um grupo (BRASCHER; CAFÉ, 2008). Está vinculada, além disso, a crenças sobre ciência, suposições ontológicas básicas e a importância de tal conhecimento para a sociedade. A Organização da Informação e do Conhecimento considera que o conhecimento possui objetivos e valores diferentes em determinadas culturas e instituições. Precisa, ademais, refletir teoricamente de maneira ampla (HJØRLAND, 2003).

Sendo assim, não se podem negligenciar os processos socioculturais, linguísticos e semióticos, isto é, de identidade cultural na Organização da Informação e do Conhecimento. Nesse sentido, conforme Brascher e Café (2008), informação e conhecimento são conceitos que estão inter-relacionados, ainda que se ocupem de tarefas distintas, logo, precisam ser pensados dentro de um campo maior de articulações.

Por conseguinte, as atividades de elaboração de resumos, catalogação, classificação, indexação, estabelecimento de elos, descrição de documentos e seus atributos, características e objetivos fazem parte da Organização da Informação. A Organização do Conhecimento, por sua vez, objetiva a estrutura conceitual e a construção de modelos de mundo (BRASCHER; CAFÉ, 2008). A Organização da Informação e do Conhecimento envolve, por conseguinte, a descrição física de objetos informacionais e a criação de modelos conceituais de diversas áreas do saber. Por compreender um conjunto essencial de teorias e abordagens

No interior do campo da Organização da Informação e do Conhecimento pode-se citar a participação ativa de uma abordagem teórica fundada na França nos anos 1960, a Análise Documentária. Jean-Claude Gardin (1925-2013) foi o principal expoente desta teoria investigando as linguagens documentárias (VOGEL, 2009, p. 81). No Brasil, o Grupo Temma, fundado em 1986, tratou de seguir a linha de pesquisa criada por Gardin e analisar os fundamentos linguísticos e lógicos das linguagens documentárias. A área estabelece contato com as disciplinas Linguística, Lógica, Filosofia, Computação, Semiótica e Análise do Discurso.

As linguagens documentárias na perspectiva francesa, segundo o resumo de Vogel (2009, p. 84) são linguagens artificiais, constituídas por um léxico, possuem regras de combinação, promovem a representação da informação e a comunicação entre sistema e usuários. Trata-se de uma forma restrita de conceber-se como linguagem, pois o mecanismo de execução ou a fala - em oposição a sistema ou língua - na teoria da linguística estrutural, não está presente nas linguagens documentárias. Outro aspecto da linguagem documentária é seu caráter de redução semântica promovido aos termos técnicos por ela organizados, isto é, a

evolução natural dos significados das palavras precisa ser interrompida, para se chegar a bom termo, no que tange ao objetivo da linguagem documentária. A comunicação ou a mediação da informação é um outro aspecto fundante da linguagem documentária, seu objetivo é promover a relação entre o sistema de informação e os usuários.

É importante separar a Análise Documentária que se volta ao conteúdo e aos significados dos documentos e discursos e o que se denomina Análise Documentária de forma (catalogação; descrição física dos documentos) e de conteúdo (indexação; classificação) no contexto espanhol. A primeira apresenta vertente teórica pautada nos estudos franceses que têm como entendimento de Análise Documentária a própria indexação; a segunda tem como entendimento as dimensões descritiva e temática.

Sendo assim, considera-se que a Análise Documentária refere-se ao núcleo das práticas de Organização da Informação e com contribuições também ao campo da Organização do Conhecimento, por esta razão, a linha francesa não poderia deixar de ser conceituada quando a intenção é explicar as atividades, os métodos e as técnicas relacionadas a tal área. De maneira muito objetiva, a Ciência da Informação, dada sua configuração no Brasil, não poderia ser explicada sem o recurso da Organização da Informação e do Conhecimento, e esta não se torna explícita sem a menção à Análise Documentária.

Não obstante, as interações epistemológicas travadas no interior da Organização da Informação e do Conhecimento devem ser de interesse do especialista, uma vez que os avanços mais recentes de um campo partem da periferia.

4 ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA E ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO NO CONTEXTO BRASILEIRO: UMA LEITURA DAS CONVERGÊNCIAS COM A ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

É possível, por meio da interdisciplinaridade, a realização de um intercâmbio de saberes de conhecimentos. As disciplinas envolvidas nesse processo possuem identidades próprias e perspectivas diferentes, no entanto, diante da complexidade no campo informacional, emerge a necessidade de colaboração científica para a análise de um objeto comum. Em um horizonte cheio de desafios, busca-se a compreensão dos elos entre a Análise do Discurso Francesa e a Organização da Informação e do Conhecimento, isto é, o que existe no entremeio das teorias, como elas se entrecruzam, como funcionam os movimentos interdisciplinares. O objetivo desta seção é perspectivar as interações conceituais entre Análise do Discurso Francesa e Análise Documentária como núcleo representativo da Organização da Informação e do Conhecimento.

Ver-se-á, portanto, que a palavra complexidade está vinculada ao incômodo, à incapacidade para definir de modo simples, para nomear de modo claro, para ordenar ideias. O

complexo não pode ser condensado numa palavra-chave. Não pode, além disso, ser limitado a uma lei ou a uma ideia simples. Ele exige competências, a fim de lidar, dialogar e negociar com o real. Busca, ademais, articulações entre disciplinas que se encontram desmembradas devido ao pensamento disjuntivo. Na complexidade, as verdades profundas, antagônicas são complementares, sem deixarem de ser antagônicas. Nela, o pensamento multidimensional é almejado (MORIN, 2005).

O conhecimento mais aprofundado dos objetos de estudo exige uma compreensão interdisciplinar que dê conta das configurações, dos arranjos históricos, das perspectivas múltiplas presentes na ciência. A interdisciplinaridade é sensível à complexidade, à articulação, ao gosto pela colaboração, pela cooperação, pelo trabalho comum (POMBO, 2005). Além disso, a interação dos saberes não envolve o simples contato entre as disciplinas. É fundamental o reconhecimento dos fundamentos teóricos e conceituais das áreas envolvidas. A interação entre as disciplinas ajuda na explicação de fenômenos que apenas uma disciplina não conseguiria explicar. Visa, além disso, a contínua cooperação de argumentos, metodologias, conteúdos, problemas, resultados, exemplos e aplicações. Investir em estudos interdisciplinares é necessário, porquanto, existem lacunas na produção do conhecimento. Destarte, é importante que exista comunicação, confronto e discussão de perspectivas entre as disciplinas.

A interdisciplinaridade, para Pombo (2005), exige interesse por aquilo que o outro tem a dizer, além da partilha do domínio do saber, no qual se está inserido. Propõe, além disso, o abandono do conforto da linguagem técnica, a fim de adentrar num domínio que é de todos, sem proprietários exclusivos.

A hipótese de que a Ciência da Informação seja considerada um campo do conhecimento em busca de sua própria epistemologia é compartilhada por Cordeiro (2004). Isso possibilita a agregação e afirmação científica de disciplinas que vão em direção a um mesmo ponto. O pesquisador explica que, a partir do pós-Guerra, a Análise do Discurso e Ciência da Informação percorrem caminhos parecidos, apresentam crises semelhantes e transitam por vários espaços epistemológicos.

Destarte, as relações interdisciplinares entre a Análise do Discurso Francesa e a Organização da Informação e do Conhecimento, em especial, a Análise Documentária, envolvem tensões e embates teóricos. Portanto, a esfera ideológica está presente na construção dessas relações. Desse modo, a teoria do discurso, num cenário repleto de desafios, traz importantes contribuições ao campo informacional, contudo deve-se considerar que tal relação não foi construída de maneira clara e sem conflitos.

A partir de um olhar diacrônico, ver-se-á que a relação epistemológica entre a teoria francesa da Análise do Discurso e a Organização da Informação e do Conhecimento no Brasil, especificamente, a Análise Documentária. Para tanto, destacar-se-á os seguintes entroncamentos: informação e discurso, sujeito, linguagem, pragmática e, finalmente, a própria história da Análise Documentária.

4.1 Informação como discurso

Salienta-se que há fortes interesses por trás das pesquisas ligadas à informação e ao discurso. Sabe-se que a representação, a classificação e a descrição de uma informação não ocorrem de maneira neutra. No momento em que a informação e o conhecimento são ordenados, sempre existe algo que é deixado de fora, para que os objetivos de determinadas organizações sejam cumpridos. Em cada termo escolhido, em cada objeto classificado, em cada descritor selecionado, em cada conceito criado, há outros que são silenciados. As escolhas feitas não são imparciais, pelo contrário, atendem a interesses.

A informação como discurso, além disso, é um fenômeno plural e complexo. Ela não é desnuda de intencionalidades. Encontra-se inserida numa dimensão ideológica. Ela é dependente de contexto, de habilidades e, também, de necessidades interpretativas das pessoas envolvidas nos processos informacionais. Não se pode descartar a ideologia e as relações de poder como fatores determinantes na Organização da Informação e do Conhecimento, porquanto ela depende dos sujeitos que com ela se relacionam. Em torno da informação, há conflitos, interesses econômicos, desigualdades, embates políticos. Sob a luz da Análise do Discurso Francesa, é importante considerar tais aspectos.

Vale ressaltar também que a Ciência da Informação, como outras ciências, tem sua origem em demandas sociais específicas, as quais determinam e legitimam sua existência. Possui, portanto, um relacionamento inseparável com a sociedade. A informação e os mecanismos sociais de sua produção e uso são objetos de seu interesse. As pesquisas ligadas à Organização da Informação, hoje, deixam de se concentrar apenas nas técnicas de organização e passam a considerar os sujeitos que definem os mecanismos de organização, sua linguagem e sua visão de mundo e de organizar o conhecimento. Ver-se-á, nos últimos decênios, no campo informacional, a busca de uma compreensão do contexto social referentes às ações de informação (ALMEIDA; BASTOS; BITTENCOURT, 2007). Conceber a informação como discurso ou movimento discursivo tende a valorizar as ideologias presentes na sistematização da informação, desde os processos de criação, passando pela inscrição até a sua organização e disseminação.

4.2 Sujeito

É sabido que, no decorrer dos anos, diferentes trabalhos foram realizados, a partir de cooperações científicas entre os estudos franceses sobre discurso e a Ciência da Informação. Diante dessa realidade, a seguinte questão foi levantada: como funciona a dinâmica interdisciplinar entre as linhas francesas de Análise do Discurso e a Organização da Informação e do Conhecimento?

Há uma lacuna que precisa ser resgatado nas interações entre a Organização da Informação e do Conhecimento e as vertentes francesas de Análise do Discurso, em especial, o fato da análise do conteúdo dos documentos, tendo em conta a sua representação, pressupor um tipo de exame do discurso do autor. Desse modo, torna-se relevante resgatar trabalhos realizados sobre a temática. Além do mais, é mister identificar os pesquisadores que desenvolveram pesquisas ligadas às relações interdisciplinares entre os dois campos do saber, a fim de que outros pesquisadores tenham uma visão panorâmica daquilo que foi produzido no decorrer dos anos.

Na Análise do Discurso Francesa, sobretudo nos estudos de Pêcheux, o sujeito não é intencional. A ideologia torna possível a relação palavra/coisa. Há para isso as condições de base, a língua e o processo, que é discursivo, no qual a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo, ou seja, reúne sujeito e sentido. O sujeito, portanto, se constitui e o mundo se significa pela ideologia (ORLANDI, 2007, p. 95-96).

O sujeito é incompleto, afetado pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2003). Os efeitos de sentido são dependentes daquele que enuncia e de seu interlocutor. Devido ao efeito ideológico, ele está condicionado a não poder dizer qualquer coisa, de qualquer lugar, pois o contexto sócio-histórico o determina. O sujeito, assinala Pêcheux (1995, p.163), se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina.

Para o filósofo francês,

o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como o processo do Significante na interpelação e na identificação, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção (PÊCHEUX, 1995, p.133).

O caráter comum das estruturas-funcionamentos denominadas como ideologia e inconsciente é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, a ponto de produzir um tecido de evidências subjetivas, entende-se aqui este último adjetivo não como que afetam o sujeito, mas nas quais se constitui o sujeito (PÊCHEUX, 1995 p.152-153).

A condição da linguagem, assinala Orlandi (2007, p.52), é a incompletude. Os sujeitos e os sentidos, em síntese, não estão completos, já feitos, constituídos de maneira definitiva. Eles se constituem e funcionam a partir do modo de entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude prova a abertura do simbólico, porquanto a falta é o lugar do possível.

A reintrodução do sujeito e seu contexto de produção do discurso revela-se como fundamental no campo da Organização da Informação, em especial, pois os documentos não são vistos sob o olhar da neutralidade e o mesmo vale para os instrumentos de organização do saber e as diversas formas de classificação. Nomear, classificar e organizar se configura como

a ação de um sujeito. Nesse sentido, os documentos são produtos de um autor real, um sujeito social, imerso as contradições presentes no embate cotidiano. Não se trata mais do sujeito cognitivo racionalista que é autônomo e independente de seus concidadãos, que toma atitudes e expressa-se apenas com base em suas convicções. Em realidade, não existiria este sujeito neutro e isento de ideologias.

4.3. Linguagem

A Linguística tem um objeto próprio, isto é, a língua, a qual tem sua ordem própria. Na proposta estruturalista, linguagem é definida como a composição formada pela língua e pela fala. Destaca-se que, na Análise do Discurso, a linguagem não é transparente. A partir do Marxismo, considera-se que o homem faz história, contudo esta não lhe é transparente também. A Psicanálise contribui com deslocamento da noção de homem para a de sujeito, constituído na relação com o simbólico, a saber, na história (ORLANDI, 2007).

Na Teoria do Discurso, ainda que a língua tenha sua ordem própria, ela é relativamente autônoma. Diferentemente da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem. A história tem seu real afetado pelo simbólico, isto é, os fatos reclamam sentidos. O sujeito de linguagem é descentrado, porquanto é afetado pelo real da língua e também pelo real da história; não possui o controle sobre o modo como elas o afetam. Logo, o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2007).

Assim como a noção de sujeito, a ideia de linguagem deixa a matriz linguística para assumir uma linha marxista que busca revelar as contradições e lutas entre as classes produtoras do discurso e como a linguagem é configurada politicamente para produzir preconceitos, reificar hierarquias sociais e sub-representar minorias em sistemas de Organização do Conhecimento. A própria teoria do conceito deve incorporar a perspectiva da Análise do Discurso para entender o papel da linguagem na representação da realidade, mesmo no contexto do conhecimento científico.

Não há como precisar a origem das novas concepções de informação, sujeito e linguagem, mas é certo que a Ciência da Informação tem manifestado a mesma tendência de incorporar novas acepções mais próximas do que tem sido proposto pela Análise do Discurso.

4.4. Pragmática

O termo *pragmática*, de acordo com Charles Morris (1985), foi cunhado por referência ao termo *pragmatismo*. É plausível supor o significado permanente do pragmatismo reside no fato de que ele tem dado uma atenção mais direta à relação entre signos e seus usuários, bem

como ter apreciado mais profundamente, mais do que em momentos anteriores, a relevância dessa relação para a compreensão das atividades intelectuais. O termo *pragmática*, na visão do autor, serve para sublinhar a importância das realizações de Peirce, James, Dewey e Mead no campo da semiótica. Ao mesmo tempo, *pragmática*, termo especificamente semiótico, requer a sua própria formulação.

Pragmática, portanto, é o ramo da semiótica que estuda a origem, os usos e os efeitos dos signos (NÖTH, 1996). É importante considerar que Morris sofreu forte influência do Pragmatismo clássico, visto que suas principais teses acompanham as expectativas teóricas de seus fundadores, incluindo Peirce. A Pragmática, na perspectiva do teórico estadunidense, trouxe várias contribuições que levantaram o problema da linguagem a partir do ponto de vista do sujeito. Foi uma tentativa de inserção do sujeito na teoria linguística (ALMEIDA, 2009).

Um signo linguístico, em termos pragmáticos, é usado em combinação com outros signos por membros de um grupo social; uma língua é um sistema social de signos que medeia as respostas dos membros de uma comunidade entre si e o seu entorno. Compreender uma língua, de acordo com o teórico, é empregar somente aquelas combinações e transformações de signos que não são proibidas pelos usos do grupo social em questão; é, além disso, denotar objetos e situações tal como fazem os membros desse grupo, é ter, também, as expectativas que os outros têm no momento em que certos veículos sígnicos são empregados, e é expressar os seus próprios estados assim como os outros fazem. Em síntese, compreender uma língua ou usá-la corretamente é seguir as regras de seu uso (sintáticas, semânticas, e pragmáticas) na comunidade social (MORRIS, 1985).

Embora as divergências entre a Análise do Discurso e a Pragmática estejam concentradas nas definições do sujeito e do contexto (POSSENTI, 2003a), é sabido que a introdução do sujeito no campo da linguagem é um ponto que as une. Na Pragmática, o sujeito sabe o que se passa no momento em que participa do evento discursivo. Ele apresenta intenções que deseja torná-las conhecidas e busca concretizar objetivos. Detém conhecimentos em relação à língua e às circunstâncias que envolvem sua utilização. É também capaz de realizar cálculos sofisticados e relativamente conscientes. Possui, ademais, a capacidade de escolher as formas mais adequadas, para que os efeitos que deseja sejam obtidos da melhor maneira possível. O sujeito é capaz de selecionar fatores relevantes do contexto, a fim de interpretar sequências linguísticas (POSSENTI, 1996).

Na perspectiva de Possenti (1995, 2003b), pesquisador brasileiro influenciado pelos trabalhos de Dominique Maingueneau, ainda que não seja apenas o inconsciente que funcione, ele não pode ser dispensado. Torna-se necessário, portanto, separar o que o sujeito sabe daquilo que ele não sabe. A presença do outro, para o autor, não apaga o eu totalmente, no entanto mostra que o eu não está sozinho.

A Análise do Discurso não associa texto e contexto, à maneira de algumas teorias da coerência, da mesma forma que não associa enunciados a contextos. A fim de superar as noções

de contexto da visão pragmaticista, o conceito de circunstâncias é substituído pelo conceito de condições de produção na perspectiva discursiva (POSSENTI, 2003a).

O conceito de contexto está ligado a elementos externos aos textos. Ele envolve a situação comunicativa, na qual o texto é produzido. O conceito é revisto, pois para a teoria do discurso a exterioridade não se encontra fora do discurso, mas é dele constitutiva. O contexto é englobado pela noção de condições de produção (FERREIRA, 2001).

Ainda que uma das principais diferenças entre as áreas esteja na forma de compreensão do sujeito, de acordo com Possenti (1996, p.75),

se definirmos a pragmática pela sua via mais clássica, lembrando Morris, falar da relevância de fatores pragmáticos será postular a necessidade de levar em conta o papel do próprio falante na análise de fatos da linguagem. De uma certa maneira, poder-se-ia dizer que a AD faz a mesma coisa, e, por isso, ela nem deveria distinguir-se da pragmática.

Essa aproximação entre Análise do Discurso e Pragmática deve ser examinada com mais detalhes, pois é possível que a introdução dos temas da análise do discurso tenham chegado à Organização da Informação e do Conhecimento pelo viés da Pragmática, isto é, pela valorização sumária do sujeito face a produção da linguagem. A Pragmática, em razão dos temas que aborda e semelhanças teórica, pode ser uma porta de entrada dos conceitos da Análise do Discurso Francesa na Organização da Informação e do Conhecimento. Há uma virada pragmática em curso na Organização da Informação e do Conhecimento que necessariamente irá buscar na Análise do Discurso formas de renovar suas perspectivas para se compreender seu objeto e entender melhor os limites de suas práticas e processos.

4.5 Análise Documentária

Ao longo dos anos, diversos pesquisadores vem aproximando os estudos sobre discurso com a Ciência da Informação, especialmente em aspectos vinculados à Análise Documentária no Brasil, de viés claramente francês e vinculada aos trabalhos de Gardin. Pode-se considerar o processo documentário como um tipo restrito de análise do discurso, cujo objetivo é prático e aplicado à representação da informação e recuperação de seu conteúdo. Cunha, Kobashi e Amaro (1987), no Brasil, propõem a aplicação de uma metodologia de Análise do Discurso, objetivando a recuperação da informação. Acreditam, além disso, que a teoria do discurso possa oferecer subsídios para a aplicação de metodologias que permitam avançar na automação da Análise Documentária.

Nair Yumiko Kobashi (1996), em um trabalho que trata de aspectos ligados à organização e à representação de informações documentárias, explica que a Análise Documentária é um campo do conhecimento que opera com textos e, por conseguinte, com a linguagem. Desse modo, se aproxima de teorias como a Análise do Discurso. Sublinha-se que

a pesquisadora realça as peculiaridades da Análise Documentária em relação aos estudos do discurso, bem como de outras disciplinas que trabalham com análise de textos. Para ela, não se deve transferir conceitos entre as duas teorias mecanicamente.

Segundo Kobashi (1996), várias tentativas de introduzir procedimentos da Análise do Discurso na Análise Documentária foram frustradas. É importante mencionar que para a pesquisadora, a Análise Documentária objetiva a identificação da base temática do texto. Dessa forma, não se preocupa com as condições sócio-históricas da produção discursiva. A partir de experiências práticas, ela assinala que a apropriação equivocada de conceitos de outras áreas possibilita a criação de modelos inconsistentes.

Lucas (1997), por seu turno, aponta que materialidade da língua é muitas vezes subestimada pelos teóricos da indexação. Os profissionais da informação, na visão da autora, têm como meta a organização da informação e do conhecimento, para isso utilizam técnicas e métodos que visam o controle terminológico. Vale ressaltar, porém, que nesse processo as condições de produção e as tensões da polissemia estão presentes. Desse modo, o processo de interpretação não é neutro. Ademais, a indexação é feita dentro de uma referência institucional. Por conseguinte, atende a interesses. Lucas, sob a luz da Análise do Discurso, explica que um mesmo documento pode ser indexado de diferentes formas, de acordo com o interesse de grupos específicos. Quando as condições de produção não são consideradas, a contradição entre as diversas formações discursivas, as quais ali se entrecruzam, fica apagada.

Por conseguinte, Kobashi (1996) e Lucas (1997), em um cenário de tensão epistemológica, veem as interações entre Análise do Discurso e Análise Documentária de modo diferente. Ao contrário de Kobashi, Lucas defende que nas questões documentárias não se pode apagar o movimento de interpretação, visto que o sujeito é afetado por seu contexto sócio-histórico. Além disso, a pesquisadora questiona a perspectiva de Kobashi, que segundo ela, limita a leitura do profissional da informação a métodos de tratamento de textos.

Em seu trabalho, Alvarenga (1998) ressalta as relações entre a arqueologia do saber e a bibliometria. Na visão da autora, as duas disciplinas apresentam um objeto comum, isto é, os discursos formadores de um campo de conhecimento. A literatura que formula uma área do saber, desse modo, é polifônica, dispersa, descontínua, intertextual e dependente de estratégias persuasivas e pragmáticas, as quais dependem das posições de poder ocupadas por aqueles que as produzem.

Válio (2003), em sua pesquisa, busca analisar as formações discursivas que estão inseridas nas produções científicas da Ciência da Informação. Além disso, descreve os discursos sobre terminologia. Já Oliveira (2003) traz, a partir da Análise do Discurso Francesa, a problematização das relações entre memória, identidade e documento.

Pereira (2007), por sua vez, objetiva aproximar alguns conceitos de Análise Documentária com a Análise do Discurso, dando ênfase a aspectos ideológicos em análise de

textos para fins documentais. O foco da pesquisadora está na descrição dos discursos sobre Terminologias em Ciência da Informação, especialmente em Gestão da Informação.

Ferrarezi e Romão (2007, p.154) assinalam que “os documentos materializam um ou mais discursos, carregando em suas linhas toda uma rede de memória que suscita muito mais do que uma leitura literal do texto”. Sob a perspectiva da teoria do discurso, de acordo com as pesquisadoras,

[...] podemos pensar que os documentos, além de serem uma escolha ideológica - em que alguns sentidos são naturalizados como dominantes, devendo ser lembrados e institucionalizados, e outros são censurados, devendo ser esquecidos e apagados - são também, como os monumentos, portadores de uma herança: a memória discursiva de que eles são constituídos e que os sustenta, permitindo a sua significação (FERRAREZI; ROMÃO, 2007, p.156).

Gaspar e Reis (2010) afirmam que não há como fugir da subjetividade, quando se indexam assuntos e temas. Ao fazer seu trabalho, o profissional da informação produz sentidos, logo, sua leitura não é neutra. Para as pesquisadoras, a partir de interações entre o campo discursivo e o campo informacional, é possível pensar novos modos de ler, analisar, classificar, organizar e disponibilizar a informação. Os fundamentos teóricos da Análise do Discurso, sobretudo as noções de “enunciado” e de “materialidades discursivas”, ajudariam no processo de análise de textos na organização da informação.

Desse modo, evidencia-se, conforme os estudos feitos por Freitas (2010), a crescente utilização da Análise do Discurso Francesa nas pesquisas sobre informação. Segundo a autora, os estudos sobre discurso, por meio de conceituações de memória e arquivo, tocam em muitos objetos da Ciência da Informação. Ademais, Lima, Moreira e Moraes (2016) defendem que é possível afirmar que há relações teórico-conceituais entre a Linguística documentária e a Análise do Discurso de matriz francesa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos epistemológicos que permeiam a história da Teoria do Discurso na Organização da Informação e do Conhecimento, destarte, são afetados pelas disputas de poder. Logo, os trabalhos interdisciplinares realizados apontam para isso. Diante desse cenário, salienta-se que requerem gestos de leitura, porquanto as posições tomadas referentes à informação e ao discurso podem produzir diferentes efeitos de sentidos, dependendo do lugar, no qual o sujeito está inserido. Desse modo, as interações entre as correntes francesas de Análise do Discurso e a Organização da Informação e do Conhecimento foram construídas a partir de diferentes perspectivas e filiações teóricas.

Por conseguinte, a Organização da Informação e do Conhecimento está enlaçada nos embates políticos, os quais se manifestam nos vínculos que podem e devem ser feitos, que

devem representar e fazer circular a expressão de determinado poder. Diante do exposto, torna-se relevante pensar nas contribuições teóricas, muitas vezes estratégicas, entre as vertentes de Análise do Discurso e o campo informacional.

Nesse sentido, não se pode perder de vista que a Análise do Discurso e a Análise Documentária surgem no contexto francês na década de sessenta. Nesse percurso, dialogando com Ciência da Informação, foram feitas experiências, a fim de se aplicar uma metodologia de Análise do Discurso, visando a recuperação da informação. Ademais, foram realizadas pesquisas que marcaram as particularidades da Análise Documentária em relação a Análise do Discurso, ainda que a linguagem seja um ponto de convergência entre elas.

Acentua-se que momentos de tensão epistemológica também marcaram as interações entre as duas disciplinas. Sob a luz dos estudos franceses sobre discurso, foram questionadas as pesquisas que limitam o trabalho dos profissionais da informação a métodos de tratamento de textos.

Outra perspectiva de trabalho que merece destaque são os estudos que aproximam as pesquisas bibliométricas dos estudos arqueológicos foucaultianos, sob o argumento de que os discursos formadores de um campo de conhecimento são um objeto comum entre as duas disciplinas.

Entre as grandes contribuições da Análise do Discurso, está o pressuposto de que não existe neutralidade no campo informacional, pois a informação como objeto científico envolve aspectos linguísticos, semióticos, culturais, ideológicos, econômicos, políticos, tecnológicos, sociais e históricos que não podem ser negligenciados.

Ademais, a Análise do Discurso dialoga com a Ciência da Informação, trazendo contribuições sobre a noção de sujeito. Dessa forma, os estudos discursivos, na Organização da Informação e do Conhecimento, auxiliam na reflexão desse sujeito, afetado pela ideologia, que classifica, indexa, organiza e dissemina a informação.

Por último, vale ressaltar que as questões linguísticas aproximam as duas áreas, posto que o modo como a linguagem se configura politicamente para representar, em sistemas de Organização do Conhecimento, aspectos ligados às classes sociais é de interesse de estudos contemporâneos em Ciência da Informação. Sendo assim, é importante retomar o conceito de ideologia, a fim de adaptá-lo ao campo informacional, e pontuar que as representações não são o real. Logo, podem manifestar formas de preconceito e discriminação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido de; BASTOS, Flavia Maria; BITTENCOURT, Fernando. Uma leitura dos fundamentos histórico-sociais da Ciência da Informação. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, Marília, v. 6, n. 1, p. 68-89, 2007. Disponível em:

<http://200.145.171.5/revistas/index.php/reic/article/view/749/651>. Acesso em: 9 jul.2016.

ALMEIDA, Carlos Cândido de. **Peirce e a organização da informação**: contribuições teóricas da semiótica e do pragmatismo. 2009. 416 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2009.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

ALVARENGA, Lídia, Bibliometria e arqueologia do saber de Michel Foucault – traços de identidade teórico-metodológica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 253-261, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BORKO, Harold. Information science: what is it?. **American documentation**, v. 19, n. 1, p. 3- 5,1968.

BRASCHER, Marisa.; CAFÉ, Lígia. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2008.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da informação. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5., Belo Horizonte, 2003. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CORDEIRO, Pedro Aurélio Cerveira . **Análise do discurso e Ciência da Informação**: ensaio sobre uma possibilidade metodológica. 2004. 93f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,2004.

CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin; KOBASHI, Nair Yumiko ;AMARO, Regina Keiko Obata Ferreira. Revisão Bibliográfica. In: SMIT, Johanna Wilhelmina.**Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília : IBICT, 1987.

FERRAREZI, Ludmila; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Arquivo, documento e memória na concepção discursiva. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 24, p. 152-171, 2007.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Os desafios de fazer avançar a análise do discurso no Brasil com singularidade e liberdade. **Revista Desenredo**, v. 4, n. 2, 2009.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Glossário de termos de Análise do Discurso**. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2001.

FOUCAULT, Michel.A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREITAS, Lídia Silva de. A análise do discurso e o campo informacional: usos atuais e alcance epistemológico: uma atualização. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 1, n. 1, p. 32-55, 2010.

GADET, Françoise. 1977: em torno de um momento-chave do surgimento da Sociolinguística na França. **Organon**, Porto Alegre, v. 30, n. 59, p. 41, 2015.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; BORGES, Paulo César Rodrigues. Ciência da Informação: ciência recursiva no contexto da sociedade da informação. **Ciência da informação**, v. 29, n. 3, 2000.

GASPAR, Nádea. Regina.; REIS, Lívia Lima. Um olhar da análise do discurso para a representação temática na Ciência da Informação. **DataGramaZero**, 2010, dez, v. 11, n. 6.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Os vértices (as) simétricos de um triângulo Pêcheux, Althusser, Foucault. In: _____(Org.). **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 111-150.

GUESPIN, Louis. Problématique des travaux sur le discours politique. **Langages**, 23. Paris, 1971. p. 3-24.

HJØRLAND, Birger. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge organization**, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves Editora, 2. ed., 1977.

KOBASHI, Nair Yumiko. Análise documentária e representação da informação. **INFORMARE - Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v.2, n. 2 p. 5-27, jul./dez. 1996.

LIMA, Larissa Mello; MOREIRA, Walter; MORAES, João Batista Ernesto. Linguística Documentária e Análise do Discurso: um mapeamento entre conceitos. 2016. In: VI Seminário em Ciência da Informação (SECIN). Anais...Londrina. 2016.

LUCAS, Clarinda Rodrigues Lucas. Biblioteconomia: produção e administração da interpretação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 46-53, jan./abr. 1997.

MACHADO TEIXEIRA, Maria Eunice de Godoy. **Sentidos do percurso da análise de discurso no Brasil na voz de pesquisadores da área**. 2014. tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2014. Disponível em: http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270862/1/MachadoTeixeira_MariaEunicedeGodoy_D.pdf. Acesso em: 1º mai. 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas:

Pontes,1997.

MARCELLESI, Jean-Baptiste. Éléments pour une analyse contrastive du discours politique. **Langages**, n° 23. 1971. p. 25-56.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORRIS, Charles William. **Fundamentos de la teoría de los signos**. Barcelona : Paidós, 1985.

MOSTAFA, Solange Puntel .Ciência da informação: uma ciência, uma revista. **Ciência da informação**, v. 25, n. 3, p.1-5, 1996.

NARZETTI, Claudiana. As linhas de análise do discurso na França nos anos 60-70. **RevLet-Revista Virtual de Letras**, v. 2, n. 02, 2010.

NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.

OLIVEIRA, Cármen Irene Correia de. Memória e discurso institucionais: o caso de uma instituição de ensino superior. In: ENANCIB, 5., 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, v. 14, n.61, p.53-59, jan./mar. 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 1., 2003, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, RS: UFRGS, 2003. 18 f. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli . **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas : Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PEREIRA, Edmeire Cristina.O “Cavalo de Tróia” de Michel Pêcheux: uma breve reflexão sobre a análise automática do discurso. **TransInformação**, Campinas, 19(3): 207-218, set./dez., 2007.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em revista**, v. 1, n. 1,p. 4-16, 2005.

POSSENTI, Sírio. O "eu" no discurso do "outro" ou a subjetividade mostrada. **ALFA**, São Paulo, v. 39, 1995.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso : um caso de múltiplas rupturas. In. MUSSALIM, F. & BENTES, A C. (Orgs.). Introdução à linguística : fundamentos epistemológicos. São Paulo : Cortez, 2003a.

POSSENTI, Sírio. Dez observações sobre a questão do sujeito. **Linguagem em (Dis) curso**, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 27-35, 2003b.

SANTOS, Boaventura de Sousa.S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo : Cortez, 2008.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.41-62, jan./jun.1996.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Terminologia da ciência da informação: abordagem da análise do discurso. **Perspectivas. ciência informação.**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 114-133, jul./dez. 2003.

VOGEL, Michely Jabala Mamede. A influência da Jean-Claude Gardin e a linha francesa na evolução do conceito de linguagem documentária. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 3, p. 80-92, 2009. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/920/629>. Acesso em: 07 dez. 2018.